

MARTIN HEIDEGGER¹

A DOCTRINA DE PLATÃO SOBRE A VERDADE²

Jeannette Antonios Maman³

Resumo:

A Autora através de leitura e pesquisa examina todos os “diálogos” de Platão na sua mútua relação, concluindo no dissertar da matéria relatorial que se é possível permitir que um diferente caminho nos guie para o implícito no pensamento do filósofo grego.

Palavras-chave: Platão. “Diálogos” “Alegoria da caverna” Pensamento. Verdade original. Desocultação. “Razão”. “Espírito” “Pensar”

Abstract:

The author read and researched all Plato’s dialogues in its mutual relation, concluding whether is possible to find another way to construe the thought of that greek philosopher.

Keywords: Plato. “Dialogues” “Cavern allegory”. Thought. Original Truth. “Reason” “Spirit” “Thinking”

[203]³O saber das ciências é usualmente enunciado sob a forma de proposições e oferecido como conjunto de resultados compreensíveis, os quais desde logo podem ser utilizados. Todavia, a “doutrina” de um pensador é o que sobra implícito dentro do que é expressamente dito, aquilo ao que o homem está aberto, “exposto”, de tal sorte que podemos dispor⁴ sem pensar.

A fim de experimentar e conhecer, doravante, o que um pensador deixou implícito⁵ qualquer coisa que possa ser, nós temos que considerar o que ele disse. Para satisfazer adequadamente esta exigência, seria necessário examinar todos os “diálogos” de

¹ HEIDEGGER, Martin. *Wegmarken*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1976, p. 203-238.

² “Plato’s doctrine of truth” (*PLATONS LEHRE VON DER WAHRHEIT*): tradução em inglês por Thomas Sheehan, in: *Pathmarks*, ed. William Mcneill, Cambridge (GB) e Nova York: © Cambridge University Press, 1998, pp. 155-182; “La doctrine de Platon sur la vérité”: tradução do francês por André Préau para © Édition Gallimard, 1968, *Questions I et II*, p. 423-469. Tradução para o português de Jeannette Antonios Maman. Professora Doutora do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

³ Os números de páginas em colchetes se referem às páginas em *Wegmarken*, Gesamtausgabe, Band 9. Nessa edição, as páginas 204, 206, 208, 210 e 212 contêm o texto grego da Alegoria da Caverna, o qual não é apresentado aqui.

⁴ Dispor como utilizar, utilizar deste saber sem pensar.

⁵ Em inglês: “*unsaid*” (não dito: implícito); em francês: “*n’a pas dit*” ou “*informulé*” (não dito: implícito).

Platão na sua relação mútua. Uma vez que isso é impossível, nós poderemos permitir que um caminho diferente nos guie para o implícito no pensamento de Platão.

O que permanece implícito no pensamento de Platão é uma mudança na determinação da essência da verdade. O fato que essa mudança ocorra, em que isto consiste, e o que lhe serve de fundamento: é isto que nós desejamos esclarecer⁶ numa interpretação da “alegoria da caverna”

A “alegoria da caverna” é apresentada no começo do livro sétimo do “diálogo” sobre a essência da πόλις (República. VII. 514 a. 2 até 517 a, 7). A “alegoria”⁷ narra uma estória. A narrativa desdobra-se na conversação entre Sócrates e Glauco. Sócrates narra a história, Glauco revela um crescente assombro. A tradução que nós juntamos ao texto compreende passagens explicativas estranhas ao original⁸ e que nós colocamos em parênteses. [fim 203]

[205] “Imagine isso: Pessoas vivem abaixo da terra numa habitação em forma de caverna. Estendendo-se a uma grande distância ao alto, próximo a luz do dia, está sua entrada, para a qual a caverna inteira agrupa-se. As pessoas estão nesta morada desde a infância, acorrentados pelas pernas e nuca. Este é o motivo, também, de elas permanecerem no mesmo lugar, de tal modo que a única coisa para elas olharem é tudo quanto elas encontrarem frente suas faces. Mas porque estão acorrentadas, elas são incapazes de mover suas cabeças ao redor. Alguma luz, por certo, é possibilitada a elas, a saber, de um fogo que emite seu brilho em direção e por detrás delas, estando acima e a alguma distância. Entre o fogo e aqueles que estão acorrentados (portanto, atrás de suas costas), nesse lugar estende-se um caminho, em uma dada altura. Imagine que um muro baixo foi construído ao longo da extensão desse caminho, como a cortina baixa que os titereiros levantam, sobre a qual eles mostram seus marionetes”

“Eu vejo”. ele [Glauco] disse.

“Então, agora, imagine, ao longo deste muro baixo, que pessoas estão carregando toda espécie de coisas que passam acima da parede: estatuetas e outras esculturas feitas de pedra ou madeira e muitos outros artefatos que as pessoas fizeram. Como você pode esperar, alguns (dos carregadores) estão conversando entre si (enquanto eles vão andando) e alguns estão em silêncio.

[Glauco:] “Este é um quadro incomum que você está apresentando aqui, e estes são prisioneiros incomuns”

⁶ Esclarecer no sentido de “jogar luz”, não no sentido do *esclarecimento iluminista*.

⁷ Em alemão: “*Gleichnis*” (alegoria, parábola).

⁸ Ao original grego de Platão.

“Eles são muito parecidos com nós humanos” – eu respondi. “O que você acha? Desde o princípio, tal espécie de homens nunca se orientou, seja por iniciativa própria, seja com a ajuda dos outros, a ver qualquer coisa que não fosse as sombras que o brilho do fogo (constantemente) projeta sobre a parede em frente deles”

[Glauco:] “Como pode ser diferente”. ele disse, “uma vez que eles são forçados a manter suas cabeças imóveis por toda suas vidas?”

[207] “E o que eles vêem das coisas que estão sendo transportadas (a suas costas)? Não é apenas isso que eles vêem (isto é, as sombras)?”

[Glauco:] “Certamente”

“Agora, se eles fossem capazes de dizer alguma coisa sobre o que viram e pudessem discutir sobre isso, não acha que eles poderiam considerar o que eles vêem na parede como entes?”

[Glauco:] “Eles teriam que considerar”

“E se agora, esta prisão, também tivesse um eco reverberando da parede que eles têm em frente (a parede que olham exclusiva e constantemente)? Assim que um daqueles que andam por trás das pessoas acorrentadas (e transportando coisas) fizesse um barulho, acha que os prisioneiros imaginariam que o que fala seria qualquer outro que não a sombra que passa em frente deles?”

[Glauco:] “Nada mais, por Zeus!”⁹

“De nenhuma maneira, então” eu respondi, “teriam aqueles que estão acorrentados dessa forma alguma vez considerado algo a ser descoberto exceto as sombras lançadas pelos objetos”

“Isto absolutamente teria de ser o caso”. ele [Glauco] disse.

“Então agora,” eu repliquei, “observe o processo por meio do qual os prisioneiros são liberados de suas correntes e, juntamente com isto, curados da falta de discernimento.¹⁰ Além disso, considere que tipo de falta de discernimento teria que ser se o seguinte ocorresse com aqueles que estivessem acorrentados. Quando qualquer um deles fosse desacorrentado e forçado, de repente, a levantar-se, a girar-se,¹¹ a andar e a levantar os olhos para luz, em cada caso a pessoa seria capaz de fazer isso unicamente sentindo dor; e, por causa do vibrante brilho, ele não seria capaz de olhar aquelas coisas cujas sombras via antes. (Se tudo isto acontecesse com o prisioneiro), o que você acha que ele diria se alguém o informasse que o que ele viu antes eram (apenas) ninharias, mas que

⁹ O grego “μὰ Δί’ οὐκ ἔγωγ’ ἔφη” mais literalmente significa “‘Por Zeus, Eu não’, ele disse” (Existem mais que numerosas formas em que alguém possa expressar concordância em um diálogo platônico). [Nota do tradutor].

¹⁰ *Einsichtslosigkeit*: ἀφροσύνη. [Nota do tradutor].

¹¹ Literalmente: girar ao redor o pescoço [*den Hals umzuwenden*, περιάγειν τὸν αὐχένα]. [Nota do tradutor].

agora ele estava um pouco mais próximo dos entes: e que ele também viu mais corretamente como uma consequência do agora estar voltado para o que é mais entitativo¹²? E se alguém (então) lhe mostrasse cada uma das coisas que vão passando e lhe forçasse a responder a pergunta sobre o que se trata, [209] não acha que ele ficaria sem saber o que fazer e, além do mais, também consideraria que o que ele viu antes (com seus próprios olhos) está mais desoculto do que o que está agora sendo mostrado (para ele por algum outro)?”

“Sim, absolutamente” ele disse.

“E se alguém ainda o forçasse a examinar o brilho do fogo, não machucaria os seus olhos e ele, então, não se desviaria e fugiria (de volta) para o que ele é capaz de olhar? E ele não decidiria que (o que ele podia ver antes sem qualquer ajuda) é, de fato, mais claro do que o que agora está lhe sendo mostrado?”

“Precisamente” ele disse.

“Agora, entretanto, se alguém, usando a força, arrancasse ele (que foi liberto das correntes) para fora dali e o erguesse pela íngreme e difícil encosta e não lhe permitisse se livrar até que o tivesse arrastado para fora a luz do sol, esse que foi arrastado desta forma não sentiria, neste processo, dor e raiva? E, quando estivesse alcançado à luz solar, os seus olhos não seriam preenchidos com o brilho, por conseguinte, ele não se sentiria incapaz de ver algo do que agora é revelado como o desoculto?”¹³

“Ele seria totalmente incapaz de fazer isso” ele disse. “ao menos não de repente”

“Obviamente, levaria algum tempo se acostumar, eu acho, se isso é uma questão de compreender com os olhos de alguém, com o que está ali em cima (fora da caverna a luz do sol). E (nesse processo de se acostumar) poderia, primeiro e mais facilmente, estar apto a olhar as sombras e, depois, as imagens das pessoas e de outras coisas, enquanto elas são refletidas na água. Mais tarde, entretanto, ele estaria apto a ver as coisas a si mesmas (os entes, em vez dos seus reflexos obscuros). Mas dentro do alcance de tais coisas, poderia ser mais fácil para ele contemplar tudo o que exista na abóbada celeste, e a própria abóbada, ao fazê-lo à noite, ao olhar a luz das estrelas e a lua, (mais facilmente, deve-se dizer) do que ao olhar para o sol e seu brilho durante o dia”

[Glauco:] “Indubitavelmente”

[211] “Porém, eu penso que, finalmente, ele estaria na condição de olhar o próprio sol, não apenas ao seu reflexo, quer seja na água ou onde quer que possa aparecer,

¹² Em inglês: “in being”

¹³ Em inglês: “unhidden” (desoculto; desencoberto). Em alemão: “Unverborgene”

mas ao sol mesmo, tal como ele é e a si mesmo, e no lugar apropriado para ele, e contemplar de que natureza ele é”

“Isso necessariamente aconteceria desta forma” ele disse.

“E tendo feito tudo aquilo, a esse tempo ele também seria capaz de congregiar o seguinte sobre isso (o sol): que ele é o que confere as estações do ano e os anos, e que determina tudo o que existe na (agora) região visível (da luz solar), e, ademais, que isso (o sol) também é a causa¹⁴ de todas aquelas coisas que as pessoas (que habitam abaixo na caverna) têm, em certa maneira, ante seus olhos”

“Isso é óbvio” ele disse, “que ele chegaria a estes (o sol e tudo o que é posto em sua luz), depois de ele ter deixado mais longe aqueles (que são meramente reflexos e sombras)”

“E então o que? Se ele novamente recordasse de sua primeira morada, e o “saber” que transita como regra ali, e as pessoas com quem ele estava acorrentado,¹⁵ não acha que ele se consideraria com sorte por causa da transformação (que teria acontecido), e, por contraste, se sentiria triste por eles?”

[Glauco:] “Muito por certo”

“Entretanto, se (entre as pessoas) no lugar anterior de habitação (isto é, a caverna) se estabelecessem certas honras e louvores para quem quer que mais nitidamente olhasse o que passasse por lá (i. e., coisas que acontecem todos os dias) e, ademais, melhor se lembrasse qual normalmente vem primeiro, qual por último, qual vem ao mesmo tempo, e, para quem quer que (então) pudesse mais facilmente predizer, o que fosse ocorrer em seguida – você não acha que ele (que saído da caverna) invejaria (ainda agora) aqueles (na caverna) e desejaria competir com aqueles (ali) que são estimados e têm poder? Ou ele não escolheria desejar sobre si a condição que Homero fala: “viver sobre a terra (acima da terra) como um [213] criado pago de um outro lavrador privado de recursos”¹⁶ E ele não preferiria acolher absolutamente qualquer outra coisa, do que associar-se com aquelas opiniões (sustentadas na caverna) e ser aquele tipo de ser humano?”

“Eu acho” ele disse, “que preferiria suportar tudo do que ser aquele tipo de ser humano (o tipo da caverna-habitação)”

“E agora”, eu respondi, “considere isto: Se esta pessoa que havia saído da caverna voltasse lá pra baixo de novo e sentasse no mesmo local como antes, ele não

¹⁴ Em alemão: “*Ursache*” (tradução contextual do termo grego αἰτία que significa causador).

¹⁵ Literalmente: “aqueles que estavam acorrentados com ele então (naquela altura)” [*der damals mit ihm Gefesselten*] τῶν τότε συνδεσµωτῶν”. [Nota do tradutor].

¹⁶ *Odisséia* XI (489-490). Versos incluídos no lamento proferido pela sombra de Aquiles, no momento que Ulisses o congratula por manter-se rei no Hades.

encontraria neste caso, uma vez tirado tão de repente da luz solar, seus olhos antecipadamente preenchidos com a escuridão?”

“Sim, muito por certo” disse ele.

“Se ele agora, mais uma vez, tivesse que se ocupar com aqueles que permaneceram acorrentados, afirmando e sustentando opiniões sobre as sombras – enquanto seus olhos estão ainda debilitados e antes de terem sido acostumados, um ajuste que demandaria um pouco de tempo – ele não seria então exposto ao ridículo ali em baixo? E eles não o fariam saber que, sim, ele havia subido, mas somente a fim de voltar (dentro da caverna) com seus olhos estragados, e então, certamente, não valeria a pena subir? E se eles pudessem agarrar esta pessoa que se encarregou de libertá-los das correntes e conduzi-los acima, e se eles pudessem o matar, eles realmente não o matariam?”

“Eles certamente que fariam” ele disse.

O que significa esta história? Platão mesmo oferece a resposta: ele tem imediatamente a interpretação seguindo a estória (517 a, 8 até 518 d, 7).

A residência cavemária é a “imagem”¹⁷ para τὴν... δι’ ὄψεως φαινομένην ἔδραν “o lugar da nossa residência, o qual (de modo cotidiano) é revelado para visão enquanto olhamos ao redor” O fogo na caverna, que queima sobre os que habitam ali, é a “imagem” para o sol. A abóbada da caverna representa a abóbada do céu. As pessoas vivem abaixo desta abóbada, consignados a terra e a ela sujeitos. O que lhes circunda e concerne ali [214] é, para eles, “o real” [“*das Wirkliche*”], isto é, o que aquilo é. Nesta morada do tipo-caverna eles sentem que estão “no mundo” e “em casa” e aqui eles encontram o que podem confiar.

Por outro lado, as coisas que a “alegoria” menciona, como visíveis fora da caverna, são a imagem para o que propriamente o ente dos entes [“*das eigentlich Seiende des Seienden*”] consiste. Isso, de acordo com Platão, é o que por meio do qual os entes aparecem em sua “forma visível” Platão não considera esta “forma visível” como um mero “aspecto” Para ele, a “forma visível” tem, ademais, alguma coisa de um “adiantar-se”, mediante o qual uma coisa se “apresenta”¹⁸ Situando-se nesta “forma visível” o ente mesmo mostra a si mesmo. Em Grego “forma visível” é εἶδος ou ἰδέα. Na “alegoria”, as coisas que são visíveis a luz do dia fora da caverna, onde a visão é livre para olhar tudo, são uma ilustração concreta das “idéias”¹⁹ De acordo com Platão, se as pessoas não tivessem essas “idéias” em vista, quer dizer, a respectiva “aparência” das coisas – seres

¹⁷ Em alemão: “*Bild*”

¹⁸ Nota de Heidegger no “*Geistige Überlieferung*”, edição 1942: “Ser presente-para (*Being present-to*), isto é, presente-até (*present-unto*) [*An-, d.h. herzu -wesen*]”

¹⁹ Em alemão: “*Ideen*”

vivos, humanos, números, deuses – eles jamais poderiam perceber isto ou aquilo como uma casa, como uma árvore e como um deus. Eles habitualmente acreditam que vêem diretamente esta casa e aquela árvore e o mesmo com cada ente. Geralmente eles nunca suspeitam que é sempre e apenas na luz das “idéias” que eles vêem tudo que passa tão facilmente e familiarmente por “real”. Segundo Platão, o que eles presumem ser exclusivamente e propriamente o real – o que eles imediatamente vêem, ouvem, apreendem, calculam – sempre permanecerá uma mera sombra da idéia e, conseqüentemente, uma sombra. Aquilo que está mais próximo, ainda que tendo a consistência de sombras, mantém os humanos dia a dia prisioneiros. Eles vivem em uma prisão e deixam todas as “idéias” para trás de si. É, uma vez que não reconhecem de forma alguma esta prisão pelo que ela é, eles consideram que este território cotidiano, abaixo da abóbada dos céus, é a arena da experiência e do julgamento que oferece o único critério para todas as coisas e relações e que fixa as únicas regras para sua disposição e arranjo. [215]

Agora se os seres humanos, considerados nos termos da “alegoria” repentinamente, enquanto ainda estiverem na caverna, de novo lançarem os olhos ao fogo, cujo brilho produz as sombras das coisas que são carregadas de um lado para o outro, eles imediatamente experimentariam este desacostumado giro ao redor de seu olhar fixo como uma ruptura do comportamento habitual e da opinião corrente. De fato, a mera sugestão de tão estranha instância, a ser adotada, enquanto ainda no interior da caverna, é rejeitada, visto que ali, na caverna, se está na clara e completa posse do real. As pessoas na caverna são tão apaixonadamente atadas a sua “visão” que elas são incapazes de mesmo suspeitar da possibilidade de o que elas tomam por real poder ter a consistência de meras sombras. Mas como eles podem saber sobre sombras, quando eles nem mesmo querem ser avisados do fogo na caverna e sua luz, ainda que este fogo seja meramente alguma coisa “artificial” e, por esta razão, devendo ser familiar aos seres humanos. Como contraste, a luz solar fora da caverna de nenhum modo é produto da criação humana. No seu brilho, as coisas que tem brotado e estão presentes mostram a si mesmas, imediatamente, sem precisar de obscurecimentos para representá-las. Na “alegoria” as coisas que mostram a si próprias são a “imagem” para as “idéias”. Mas no sol na “alegoria” é a “imagem” para aquilo que faz todas as idéias visíveis. É a “imagem” para a idéia de todas as idéias. Isto, posteriormente, de acordo com Platão, é chamado ἡ τοῦ ἀγαθοῦ ἰδέα, o que se traduz com a “literal” mas pouco desencaminhada frase “a idéia do bem”

As correspondências alegóricas que nós agora apenas temos enumerado – entre as sombras e a realidade como experimentada diariamente, entre o brilho do fogo da caverna e as idéias, entre o sol e a idéia mais elevada – não exaurem o conteúdo da

“alegoria” De fato, a dimensão apropriada disto nem sequer ainda veio a nossa compreensão. Antes do que apenas reportar sobre os lugares da habitação e as condições das pessoas dentro e fora da caverna, a “alegoria” relata uma série de movimentos. Os movimentos que relata são [216] movimentos de passagem para fora da caverna para a luz diurna e, depois, o retorno da luz diurna para a caverna.

O que acontece nesses movimentos de passagem? O que torna esses eventos possíveis? De onde eles derivam sua necessidade? Que questão está em jogo nessas passagens?

Os movimentos de passagem de fora da caverna para a luz diurna e, em seguida, de volta para a caverna, em cada caso, requer que os olhos se acostumem a mudança do escuro para a claridade e da claridade de volta para o escuro. Em cada vez, ao fazer isso, os olhos experimentam a confusão, certamente por razões opostas em cada caso: διττὰ καὶ ἀπὸ διττῶν γίνονται ἐπιταράξεις ὄμμασιν (518 a, 2). “Dois tipos de confusão acontecem para os olhos, e por duas razões”

Isto significa que existem duas possibilidades. Por um lado, as pessoas podem deixar suas ignorâncias, dificilmente noticiadas, e chegar onde entes se mostram para elas mais essencialmente, mas onde, inicialmente, pessoas não estão preparadas para o essencial. Por outro lado, as pessoas podem debandar da instância do conhecimento essencial e serem forçadas a voltar para o território onde a realidade comum reina suprema, mas sem serem capazes de reconhecer o que é comum e usual ali, como sendo o real.

E exatamente como o olho físico tem que se acostumar, de início, vagarosa e constantemente, de modo idêntico a luz ou a escuridão, assim, do mesmo modo, a alma, pacientemente, e através de uma apropriada série de passos, tem de acostumar-se ao território dos entes para os quais é exposta. Porém, esse processo de ficar acostumado requer que, antes de qualquer outro, a alma em sua totalidade seja movida²⁰ ao redor²¹ como considera a direção fundamental de seu esforço, do mesmo modo como o olho pode olhar confortavelmente em qualquer direção apenas quando o corpo todo tem primeiro admitido a posição apropriada.

Todavia, por que esse processo de ficar acostumado a cada território tem que ser lento e constante? A razão é que o mover ao redor tem a ver com o ente do homem e, deste modo, toma lugar no genuíno solo da essência de homem. Isto significa que o rumo normativo que é resultado deste movimento ao redor tem de ser aberto por uma relação que já sustenta nossa essência, e se desenvolve dentro de um comportamento

²⁰ Em inglês: “turned” (movida; girada)

²¹ Em inglês: “around” (ao redor; em torno; em volta).

estável. [217] Este processo por meio do qual a essência humana é reorientada e acostuada ao território atribuído a esta em cada ponto é a essência do que Platão chama παιδεία [paideía]. A palavra não se presta para ser traduzida. Como Platão define sua essência, παιδεία significa o περιαγωγή ὅλης τῆς ψυχῆς, o guiar de todo ser humano no movimento ao redor da sua essência. Conseqüentemente, παιδεία é essencialmente um movimento de passagem, isto é, da ἀπαιδευσία para παιδεία. Ao manter-se com seu caráter, de um movimento de passagem, a παιδεία permanece sempre relacionada a ἀπαιδευσία. A palavra alemã *Bildung* [“educação”²² literalmente “formação”] é a que chega mais perto de capturar a palavra παιδεία, mas não inteiramente. Neste caso, é claro, nós precisamos restabelecer a *Bildung* seu poder original como palavra, e temos que esquecer a má interpretação com a qual foi vítima no final do século dezenove. *Bildung* [“formação”] significa duas coisas. Por um lado, formação significa formar pessoas, no sentido de imprimir sobre eles um caráter que se abre. Entretanto, ao mesmo tempo, este “formar” das pessoas “forma” (ou imprime um caráter sobre) pessoas, por, anteriormente, tomar medidas em termos de alguma imagem paradigmática, a qual, por esta razão, é chamada de protó-tipo [*Vor-bild*]. Deste modo, antes e ao mesmo tempo, “formação” significa imprimir um caráter sobre pessoas e guiar pessoas para um paradigma. O contrário de παιδεία é ἀπαιδευσία, falta de formação, onde nenhum rumo fundamental é despertado e aberto, e onde nenhum protó-tipo normativo é posto adiante.

A “alegoria da caverna” concentra seu poder explanador em fazer-nos aptos a ver e saber a essência de contar uma estória por meio de imagens concretas. Ao mesmo tempo, Platão procura evitar falsas interpretações; ele quer mostrar que a essência da παιδεία não consiste em meramente despejar conhecimento em uma alma despreparada como se ela fosse algum recipiente vazio e que resiste esperando. Pelo contrário, a educação genuína prende nossa alma genuína e a transforma em sua totalidade por, primeiramente, nos conduzir para o lugar de nosso ser essencial e ali nos habituar. Que a “alegoria da caverna” é destinada a ilustrar a essência da παιδεία é exposto com suficiente clareza na sentença perfeita com que Platão introduz a estória no começo do Livro Sétimo: Μετὰ ταῦτα δὲ, εἶπον, ἀπείκασον τοιοῦτως πάθει τὴν ἡμετέραν φύσιν παιδείας τε περὶ καὶ ἀπαιδευσίας. “E depois daquilo, tente fazer aparecer, por você mesmo, a partir do tipo [218] de experiência (a ser apresentada na estória seguinte), uma visão (da essência) igualmente da educação e da falta de educação, a qual (por ter seu lugar próprio em conjunto) diz respeito ao genuíno fundamento do nosso ser como humanos”

²² Em inglês: “education” (educação: instrução).

A afirmação de Platão é clara: A “alegoria da caverna” ilustra a essência da “instrução”²³ Como contraste, a interpretação da “alegoria”, que nós agora iremos empreender, pretende chamar a atenção para a “doutrina” platônica da verdade. Nós não estaríamos sobrecarregando a “alegoria” com alguma coisa alheia a ela? A interpretação ameaça se degenerar numa reinterpretação que faz violência ao texto. Deixe esta aparência permanecer até nós termos confirmado nosso discernimento de que o pensamento de Platão se sujeita a uma transformação na essência da verdade, que se torna a lei oculta governadora do que o pensador expressa. De acordo com nossa interpretação, conferida como necessária para uma futura necessidade, a “alegoria” não apenas ilustra a essência da instrução, mas, ao mesmo tempo, abre nossos olhos para uma transformação na essência da “verdade” Se a “alegoria” pode mostrar ambas, não teria de ser o caso de que uma relação essencial se afirmasse entre “instrução” e “verdade”? Esta relação, de fato, se obtém. E ela consiste no fato de que a essência da verdade, e o tipo de transformação que ela aqui primeiramente sofre, torna possível a “instrução” nas suas estruturas básicas.

Todavia, o que é isso que conecta “instrução” e “verdade” juntas em uma unidade original e essencial?

Παιδεία significa movimentar ao redor a totalidade do o ser humano. Isto significa remover os seres humanos da região onde eles primeiro encontraram as coisas. se transferiram e se habituaram, a outro domínio onde seres aparecem. Esta transferência é possível apenas pelo fato de que tudo que foi antes manifestado aos seres humanos, bem como pela via na qual foi manifestado, se transformou. Tudo o que foi desocultado aos seres humanos em qualquer tempo dado, bem como a maneira de sua desocultação, tem que ser transformado. Em grego desocultação é chamada ἀλήθεια, uma palavra que nós traduzimos como “verdade” E, por um longo tempo no pensamento ocidental, a “verdade” significou a concordância da representação no pensamento com a coisa mesma: *adæquatio intellectus et rei*. [219]

Entretanto, se nós não estivermos satisfeitos em meramente traduzir as palavras παιδεία e ἀλήθεια literalmente, e se ao invés disto nós tentarmos pensar completamente a questão de acordo com a maneira grega de conhecimento, e considerarmos a questão essencial que está em jogo nessas traduções, então imediatamente “educação” e “verdade” viriam juntas como em uma unidade essencial. Se nós tomarmos seriamente o conteúdo essencial do que a palavra ἀλήθεια designa, então nós teremos que perguntar: De qual perspectiva Platão aproxima sua determinação da essência da desocultação? Para a resposta a esta questão nós aludimos ao conteúdo

²³ Aqui optamos pela palavra “instrução” (“education”: *Bildung*).

próprio da “alegoria da caverna”. A resposta irá demonstrar, igualmente, o fato de que, e o modo no qual, a “alegoria” lida com a essência da verdade.

O “desoculto” e sua “desocultação” designam, a cada ponto, o que está presente e manifesto na região onde os seres humanos sucedem de habitar. Porém, a “alegoria” conta a estória de passagens de uma morada para outra. Deste modo, esta estória é dividida, de uma forma geral, em uma série de quatro diferentes locais de moradas, em gradações específicas para cima e para baixo. As distinções entre os locais de moradas²⁴ e os degraus²⁵ no interior dos movimentos de passagem são fundadas nos diferentes tipos de ἀληθές normativas em cada nível, isto é, os diferentes tipos de “verdade” que são dominantes em cada plano.²⁶ Por essa razão, de uma forma ou de outra, nós temos que considerar e designar o que o ἀληθές, o desoculto, é em cada plano.

No primeiro plano, as pessoas vivem acorrentadas dentro da caverna, absortas no que elas imediatamente encontram. A descrição deste local de morada termina com uma sentença enfática: παντάπασι δὴ ... οἱ τοιοῦτοι οὐκ ἄν ἄλλο τι νομίζοιεν τὸ ἀληθές ἢ τὰς τῶν σκευαστῶν σκιάς (515 c1-2). “De nenhuma forma, então, aqueles, que estão acorrentados desta maneira, considerariam qualquer outra coisa como desoculta, exceto as sombras dispostas pelos objetos”

O segundo plano narra sobre a remoção das correntes. Mesmo que ainda confinados na caverna, aqueles prisioneiros são agora livres em um certo sentido. Agora eles podem se mover ao redor em todas as direções. Tornou-se possível ver as coisas mesmas que eram [220] previamente carregadas ao longo e por trás deles. Aqueles que antes olhavam apenas para as sombras agora vêm μᾶλλον τι ἐγγυτέρω τοῦ ὄντος (515 d2), “um pouco mais próximo do que é” As coisas mesmas oferecem suas formas visíveis, de um certo modo, especificamente, no brilho do fogo artificial da caverna, e não estão mais ocultas pelas sombras que projetam. Na medida em que alguém encontra nada além de sombras, estas mantêm o olhar fixo do cativo e, deste modo, se insinua no lugar das coisas mesmas. Porém, quando o olhar fixo de alguém é liberto de seu cativo das sombras, se torna possível para a pessoa que foi liberta, entrar na área do que é ἀληθέστερα (515 d6), “mais desoculto” E, ainda, isso tem que ser dito dele que foi libertado: ἡγεῖσθαι τὰ τότε ὀρώμενα ἀληθέστερα ἢ τὰ νῦν δεικνύμενα (ibid.). “Ele irá considerar (as sombras) que ele viu depois (sem qualquer ajuda) como mais desocultas do que o que está agora sendo mostrado (para ele, por alguém de fato)”

²⁴ Em alemão: “*Aufenthalte*”

²⁵ Em alemão: “*Stufen*”

²⁶ Em inglês: “*stage*” (degrau; palco; plano; nível).

Por que isso é assim? O brilho do fogo, para o qual seus olhos não estão adaptados, cega aqueles que foram libertados. Esta cegueira os impede de ver o fogo mesmo e de apreenderem como o seu brilho ilumina as coisas e, assim, permite essas coisas aparecerem pela primeira vez. Isto é o motivo daqueles que foram cegos não poderem compreender que, o que eles previamente viram, era meramente sombras daquelas coisas, dispostas pela luz deste mesmo fogo. Certamente, aqueles que foram libertados vêem agora outras coisas além das sombras, mas tudo isto aparece apenas em confusão. Por contraste, o que eles vêem na luz refletida do, ainda, invisível e não descoberto fogo, isto é, as sombras, aparecem em nítidos contornos. Porque pode ser visto sem confusão, esta consistência com que as sombras aparecem tem que atingir aqueles que tem sido libertos, como sendo “mais desoculta” Entretanto, a palavra ἀληθές ocorre de novo no fim da descrição do segundo degrau, e agora no degrau comparativo: ἀληθέστερα, o “mais desoculto” A “verdade” mais apropriada se encontra nas sombras. Logo, mesmo aqueles que foram libertos de suas correntes, ainda avaliam erradamente o que eles pressupõem como verdade, porque lhes falta a condição prévia para “avaliar” isto é, a liberdade. Certamente, a remoção das correntes traz uma certa [221] liberação, mas o deixar solto não é, ainda, a liberdade real.

A liberdade real é alcançada apenas no terceiro plano. Aqui alguém que foi desacorrentado é, ao mesmo tempo, transportado para fora da caverna, “ao aberto” Ali, sobre a terra, todas as coisas são manifestas. A aparência que mostra o que as coisas são agora, não mais aparecerá meramente no brilho artificial e confuso do fogo, dentro dos limites da caverna. As coisas mesmas se encontram ali na força vinculante e na validade da sua própria aparência. A abertura, dentro da qual está agora colocado o prisioneiro liberto, não significa a imensidão de algum espaço aberto: antes, o aberto estabelece os limites para as coisas e é a característica do poder vinculador do brilho radiante da luz solar, o qual é também visto. A aparência que mostra o que as coisas mesmas são, as εἶδη (idéias), constituem a essência em cuja luz cada ente individual se mostra como isto ou aquilo, e apenas neste auto-mostrar que a coisa visível tornou-se desoculta e acessível.

O nível da morada que agora foi alcançado é, como nos outros, definido em termos do que é normativamente e propriamente desoculto neste nível. Todavia, logo no começo de sua descrição do terceiro plano, Platão fala τῶν νῦν λεγομένων ἀληθῶν (516 a3), “do que é agora endereçado como o desoculto” Este desoculto é ἀληθέστερα, ainda mais desoculto do que eram as coisas iluminadas pelo fogo artificial na caverna, em sua distinção para com as sombras. O desoculto que é agora alcançado é o mais desoculto de todos: τὰ ἀληθέστερα. Ainda que, em verdade, Platão não usa esta palavra nesta parte do texto, ele menciona τὸ ἀληθέστατον, o mais desoculto, na correspondente e

igualmente importante discussão no começo do Livro VI de A República. Aqui (484 c, 5 sq.) ele menciona οἱ ... εἰς τὸ ἀληθέστατον ἀποβλέποντες, “aqueles que olham fixamente sobre o mais desoculto” O mais desoculto mostra se em cada caso no o que é do ente. Sem este sentido do mostrar o que é (isto é, as idéias), toda e qualquer coisa em específico – de fato, absolutamente tudo – permanecerá oculta. “O mais desoculto” é assim chamado porque é o que [222] aparece, anteriormente, em tudo o que aparece, e faz tudo o que aparece ser acessível.

Já dentro da caverna, mudar o olhar das sombras para o brilho do fogo e focar nas coisas reveladas pela luz do fogo, era uma tarefa dificultosa que se provou malsucedida; mas agora estando livre no aberto, que está fora da caverna, requer completamente todo esforço e paciência. A liberação não acontece pela simples remoção das correntes, e não consiste numa liberdade descontrolada; antes, ela primeiro começa com o esforço contínuo de habituar o olhar a ser fixado sobre o firme limite das coisas que se encontram nas suas formas visíveis. A liberação autêntica é a perseverança de ser orientado para o que aparece na sua forma visível, e o qual é o mais desoculto neste aparecer. A liberdade existe apenas como a orientação que é estruturada neste caminho. Além do mais, esta orientação como um movimento para... sozinha realiza a essência da παιδεία como um movimento ao redor. Deste modo, a realização da essência da “instrução”²⁷ pode ser alcançada apenas na região do, e sobre a base do, mais desoculto, isto é, a ἀληθέστατον, isto é, o mais verdadeiro, isto é, a verdade no sentido próprio. A essência da “educação” é fundada na essência da “verdade”

Entretanto, porque a essência da παιδεία consiste na περιαγωγή ὅλης τῆς ψυχῆς, então à medida que ela é como um movimento ao redor, ela constantemente perdura numa superação da ἀπαιδευσία. A παιδεία contém dentro de si uma relação anterior com a falta de instrução. E se, de acordo com a própria interpretação de Platão, a “alegoria da caverna” é admitida por esclarecer a essência da παιδεία, então este esclarecimento tem também que fazer expressar precisamente este fator essencial, a constante superação da falta de instrução. Por isso, a narração da estória não termina, como é freqüentemente admitido, com a descrição do nível mais alto alcançado na ascensão para fora da caverna. Pelo contrário, a “alegoria” inclui a estória da descida da pessoa liberta de volta para caverna, de volta para aqueles que ainda estão acorrentados. Aquele que foi liberto é, igualmente, suposto a liderar essas pessoas para longe do que é oculto para elas e trazê-las face-a-face com o mais desoculto. Porém, o assim chamado liberador já não mais sabe seu rumo ao redor da caverna e [223] corre o perigo de sucumbir ao poder catastrófico do tipo de verdade que é ali reguladora, o perigo de ser

²⁷ “Educação” ou “formação”

dominado pela reivindicação da “realidade” comum como a única realidade. O liberador é tratado com a possibilidade de ser levado a morte, uma possibilidade que se torna uma realidade no destino do “professor” de Platão, Sócrates.

O retorno para a caverna e a batalha promovida dentro dela entre o liberador e os prisioneiros, que resistem a toda liberação, por si mesmo compõe o quarto plano da “alegoria” no qual a estória atinge a conclusão. Reconhecidamente a palavra ἀλήθης não é mais usada nesta parte da narrativa. De modo algum, este plano também tem que lidar com o desoculto, que condiciona a área da caverna, que agora a pessoa livre visita mais uma vez. Porém, não era o “desoculto” – as sombras –, que regula a caverna, já mencionado no primeiro plano? Sim, era. Mas dois fatores são essenciais para o desoculto: de uma maneira ou de outra, não apenas torna acessível tudo o que aparece e o mantém revelado no seu aparecer, mas também, constantemente, supera uma ocultação do oculto. O desoculto tem que ser separado da ocultação; em um dado sentido, ele tem que ser roubado da ocultação. Originalmente, para os gregos,²⁸ ocultação, como um ato de auto-ocultar, permeou a essência do ente e, assim, também determinou os entes nas suas presentificações e acessibilidades (“verdade”); e esse é o motivo da palavra grega que os romanos denominam “*veritas*”, e nós “verdade” a ser distinguida pela alfa-privativa (ἀ-λήθεια). Verdade²⁹ originalmente significa aquilo que foi arrancado da ocultação.³⁰ Verdade é, deste modo, um arrancar para fora em cada caso, na forma de um descobrimento. A ocultação pode ser de vários modos: fechamento, ocultamento, disfarce, encobrimento, mascaramento, dissimulação. E uma vez que, de acordo com a “alegoria” de Platão, o desoculto supremo [224] tem que ser arrancado de um ocultamento baixo e obstinado, por esta razão o movimento de saída da caverna para o aberto e para a luz do dia é uma luta de vida ou morte. O degrau quatro da “alegoria” nos oferece um olhar rápido do fato de que a “privação” – alcançando o desoculto pelo arrancar para fora – pertence a essência da verdade. Portanto, como em cada um dos três planos prévios da “alegoria da caverna” o plano quatro também lida com a ἀλήθεια.

Esta “alegoria” pode ter a estrutura de uma imagem da caverna sob qualquer condição apenas porque ela é anteriormente co-determinada pela experiência fundamental da ἀλήθεια, a desocultação dos entes, o que era alguma coisa auto-evidente para os gregos. Não seria para outra coisa a caverna subterrânea, exceto para algo aberto em si mesmo que permanece ao mesmo tempo coberto por uma abóbada e, apesar da entrada, desmurada e cercada por terra circundante? Este cercado do tipo caverna que é aberto

²⁸ Nota de Heidegger na edição *Geistige Überlieferung*, 1942: “Heráclito, fragmento 123”

²⁹ Nota de Heidegger na edição *Geistige Überlieferung*, 1942: “no sentido daquilo que é verdade” [*im Sinne des Wahren*].

³⁰ Nota de Heidegger na edição *Geistige Überlieferung*, 1942: “[de um] ocultamento” [*Verbergung*].

dentro de si mesmo, e que o cerca e, portanto, oculta, refere-se, igualmente, do mesmo modo, a algo para fora, o desoculto que se expande para fora na luz sobre a terra. Apenas a essência da verdade, entendida no sentido grego original da ἀλήθεια – a desocultação que é relacionada ao ocultado (para algo dissimulado e disfarçado) –, tem uma relação essencial com esta imagem de uma caverna subterrânea. Onde quer que a verdade tenha outra essência, onde quer que ela não seja ocultação ou, ao menos, não seja co-determinada pela ocultação, nesse lugar uma “alegoria da caverna” não tem fundamento como uma ilustração.

E, ainda, mesmo que a ἀλήθεια seja propriamente experimentada na “alegoria da caverna” e seja mencionada nela em pontos importantes, de modo algum, no lugar da desocultação, outra essência da verdade se impulsionará para frente. Entretanto, isto também implica em dizer que a desocultação ainda preserva uma certa prioridade.

A apresentação da “alegoria” juntamente com a própria interpretação de Platão sobre ela, compreende a caverna subterrânea e a área de fora, quase que auto-evidentemente, como o território dentro do qual os eventos da estória são exauridos. Porém, em tudo isso, o que é essencial são os movimentos de passagem: a ascensão do domínio [225] da luz do fogo artificial para o brilho da luz solar, assim como, o descenso da fonte de toda luz de volta para a escuridão da caverna. O poder ilustrativo da “alegoria da caverna” não vem da imagem da clausura da abóbada subterrânea e da prisão das pessoas dentro de seus limites, como tampouco vem da visão do espaço aberto fora da caverna. Para Platão, antes, o poder expositivo por trás das imagens da “alegoria” está concentrado no papel executado pelo fogo, o brilho do fogo e a disposição das sombras, a claridade do dia, a luz solar e o sol. Tudo depende do resplandecer adiante de tudo o que aparece e no fazer possível sua visibilidade. Certamente a desocultação é mencionada em seus vários degraus, mas é considerada simplesmente em termos de como faz tudo o que aparece ser acessível na sua forma visível (εἶδος) e em termos de como faz esta forma visível, como aquela que se mostra (ἰδέα) ser visível. Esta reflexão propriamente dita se foca sobre o aparecer da forma visível, o qual é concedido no próprio brilho do resplandecer. A forma visível oferece uma visão daquilo que se apresenta como qualquer ente dado. O reflexo propriamente dito objetiva a ἰδέα. A “idéia” é a forma visível que oferece uma visão do que se apresenta. A ἰδέα é o puro resplandecer no sentido da frase “o sol resplandece” A “idéia” não permite que qualquer coisa (por trás dela) “resplandeça e apareça” [“*erscheinen*”]; ela mesma é o que resplandece, e o que concerne apenas ao resplandecer em si mesmo. A *ide/a* é aquilo que pode resplandecer [“*das Scheinsame*”]. A essência da idéia consiste na sua habilidade de clarear e ser vista [“*Schein- und Sichtsamkeit*”]. Isto é, o que nos leva para a presença, especificamente a vinda para a

presença do que um ente é em qualquer instância dada. O ente se torna presente em cada caso em seu o que é. Mas depois de tudo, a vinda para presença é a essência do ser. Para Platão, este é o motivo da essência propriamente dita do ser consistir no o que é. Mesmo uma terminologia posterior mostra isto: *quidditas*, e não *existentia*, é o verdadeiro *esse*, isto é, *essentia*. O que a idéia, no seu resplandecer adiante, põe em visão e, desse modo, nos permite ver, é – para o olhar focado sobre a idéia – a desocultação daquilo que aparece como idéia. Esta desocultação é, anteriormente e, por si mesma, entendida como aquilo que é compreendido na compreensão da ἰδέα, como aquilo que é conhecido (γίγνωσκόμενον) no ato de conhecer (γίγνωσκειν). Apenas nesta revolução platônica são o νοεῖν [226] e ο νοῦς (apreensão), antes de tudo, essencialmente referidos à “idéia” A adoção desta orientação para as idéias, doravante, determina a essência da apreensão [“*Vernehmung*”] e, subseqüentemente, a essência da “razão” [“*Vernunft*”].

A “desocultação” agora se refere ao desoculto sempre como aquilo que é acessível graças à habilidade da idéia resplandecer. Mas à medida que o acesso é, necessariamente, executado por meio do “ver”, a desocultação é unida na “relação” com o ver, se torna “relativa” ao ver. Assim, ao final do Livro VI da *República*, Platão desenvolve a pergunta: O que faz a coisa vista e o ato de ver serem o que são em sua relação? O que abarca o espaço entre eles? Que jugo (ζυγόν 508 a. 1) mantém os dois juntos? A “alegoria da caverna” foi escrita a fim de esclarecer a resposta, que anuncia uma imagem: O sol, como fonte de luz, empresta visibilidade para tudo o que é visto. Porém, o ver vê o que é visível apenas à medida que o olho é ἡλιοειδής, “como sol” por ter o poder de participar no tipo de essência do sol, que é, seu resplandecer. O olho em si “emite luz” e se devota ao resplandecer, e deste modo, é capaz de receber e apreender tudo o que aparece. Em termos do que está em jogo, a imagem significa um relacionamento que Platão expressa como segue (VI, 508 e, 1 ss.): τοῦτο τοίνυν τὸ τὴν ἀλήθειαν παρέχον τοῖς γίγνωσκομένοις καὶ τῷ γίγνωσκοντι τὴν δύναμιν ἀποδιδὸν τὴν τοῦ ἀγαθοῦ ἰδέαν φάθι εἶναι. “Deste modo, o que oferece desocultação para a coisa conhecida e também concede poder (de conhecimento) para o conhecedor, isto, eu digo, é a idéia do bem”

A “alegoria” menciona o sol como a imagem para a idéia do bem. Em que consiste a essência desta idéia? Como ἰδέα, o bem é algo que resplandece, assim, algo que oferece visão, deste modo, em ordem seguida, algo visível e, por esta razão, conhecível, de fato: ἐν τῷ γνωστῷ τελευταία ἡ τοῦ ἀγαθοῦ ἰδέα καὶ μόγις ὄρασθαι (517 b, 8). “Na esfera do que pode ser conhecido, a idéia do bem é o poder de visibilidade que realiza todo resplandecer adiante e que, portanto, é adequadamente visto apenas ao final, [227] de fato, é, realmente, dificilmente (apenas com grandes dores) visto, sob qualquer condição”.

Nós traduzimos τὸ ἀγαθόν³¹ com o aparentemente compreensível termo “o bem”. Mais freqüentemente, nós pensamos nele como o “bem moral”, assim chamado porque é conforme a lei moral. Esta interpretação é alheia ao pensar grego, mesmo que a interpretação de Platão de ἀγαθόν como idéia ofereça a ocasião para pensamento de “o bem” “moralmente” e, enfim, suponha essa como um “valor”. A noção de valor que entra em moda no século dezanove, no despertar da moderna concepção de “verdade” é a derradeira e, ao mesmo tempo, a mais fraca descendência de ἀγαθόν. À medida que o “valor” e a interpretação, em termos de “valores”, sustentam a metafísica de Nietzsche – na forma absoluta de “reavaliação de todos valores” – e uma vez que, para ele, todo conhecimento parte de uma origem metafísica de “valor”, neste âmbito Nietzsche é o mais desenfreado discípulo de Platão na história da metafísica ocidental. Entretanto, na medida em que ele entende valor como condição de uma possibilidade de “vida”, uma condição pressuposta pela “vida mesma” Nietzsche sustenta a essência do ἀγαθόν, com muito menos prejuízo do que aqueles que seguem o absurdo disparate dos “valores intrinsecamente validos”

Além disso, se nós seguirmos a moderna filosofia e pensarmos na essência da “idéia” como *perceptio* (“representação subjetiva”), então nós encontraremos na “idéia do bem” um “valor” presente em algum lugar em si mesmo, do qual, ademais, nós temos uma “idéia”. Esta “idéia” tem que naturalmente ser a mais elevada, porque o que importa é que tudo transcorra no “bem” (no bem-estar da prosperidade ou na regularidade de uma ordem). Dentro dos limites desta via moderna do pensar, nada mais absolutamente existe para compreender da essência original da ἰδέα τοῦ ἀγαθοῦ.

Pensado em grego τὸ ἀγαθόν significa aquilo que é capaz de algo e possibilita outro a ser capaz de algo. Toda ἰδέα, a forma visível de [228] algo, oferece um olhar para o que um ente é em cada caso. Deste modo, no pensamento grego, as “idéias” possibilitam algo aparecer em seu o que é e, assim, estar presente em sua permanência. As idéias são o que é em tudo que é. Portanto, o que faz toda idéia ser capaz como uma idéia – na expressão de Platão: a idéia de todas as idéias – consiste em fazer possível o aparecer, em toda sua visibilidade, de todo presente. A essência de toda idéia, certamente, consiste no fazer possível e no possibilitar o resplandecer, que permite uma visão da forma visível. Por essa razão, a idéia das idéias é aquilo-que-possibilita como tal, τὸ ἀγαθόν. Isto causa a resplandecência de tudo que pode resplandecer, e, conseqüentemente, é aquilo mesmo que propriamente aparece pela resplandecência,

³¹ Nota de Heidegger a edição de 1947: “O ἀγαθόν é certamente uma ἰδέα, mas não mais presente-para (ou presente-até que) e, portanto, dificilmente visível” [ἀγαθόν zwar ἰδέα, aber nicht mehr anwesend, deshalb kaum sichtbar].

aquilo que é o mais apto a resplandecer em sua resplandecência. Por esta razão, Platão designa o ἀγαθόν também como τοῦ ὄντος τὸ φανότατον (518 c, 9), “aquilo que mais resplandece (o mais apto a resplandecer) dos entes”

A expressão “a idéia do bem” – que tanto desencaminhou o pensamento moderno – é o nome para aquela distinta idéia que, como idéia das idéias, é o que possibilita tudo mais. Esta idéia, que sozinha pode ser chamada “o bem”, permanece ἰδέα τελευταία, porque na sua essência da idéia alcança seu cumprimento, isto é, começa a ser, de maneira que disto também surge primeiro a possibilidade de todas as outras idéias. O bem pode ser chamado de “idéia mais elevada” num duplo sentido: Ela é a mais elevada na hierarquia do fazer possível; e ver isto é uma tarefa muito árdua de olhar diretamente para cima. Apesar da dificuldade de compreender isto adequadamente, esta idéia, admitida a essência da idéia, no sentido grego, tem que ser chamada “o bem”, de qualquer maneira, constantemente, sempre encontra-se na visão, onde quer que todo ente sob qualquer condição se mostre. Até mesmo onde as pessoas vêem apenas sombras, cujas essências ainda ficam ocultadas, ali também o brilho do fogo tem que resplandecer, mesmo que as pessoas não compreendam adequadamente este resplandecer e experimentem isso como advindo do fogo, e mesmo que aqui, sobre tudo, elas ainda estejam inconscientes de que o fogo é apenas um resultado (ἔκγονον VI, 507 a, 3) do sol. Dentro da caverna, o sol permanece invisível e, não-obstante, mesmo [229] as sombras se nutrem de sua luz. Mas o fogo na caverna, que torna possível uma apreensão das sombras, que não percebem a sua própria essência, é a imagem para o fundamento não reconhecido de toda experiência do ente, que os pretende sem os conhecer como tal. Todavia, o sol por seu resplandecer não apenas confere brilho sobre tudo que aparece, e, juntamente com este brilho, a visibilidade e, assim, a “desocultação” Mas não apenas isto. Ao mesmo tempo, seu resplandecer irradia calor e, por esta incandescência, possibilita tudo que “vem a ser” a sair para a visibilidade da sua duração permanente (509 b).

Entretanto, uma vez que o sol mesmo é verdadeiramente visto (ὀφθεῖσασδέ) – ou, caindo numa metáfora, uma vez que a idéia mais elevada é tomada em vista de, συλλογιστέα εἶναι ὡς ἄρα πᾶσι πάντων αὕτη ὀρθῶν τε καὶ καλῶν αἰτία (517 c), “então pode-se tirar a conclusão obtida em conjunto (da própria idéia mais elevada) – que obviamente para todas as pessoas esta idéia do bem é a fonte original [*Ursache*], igualmente de tudo que é correto (no comportamento humano) e de tudo que é belo” – que é, aquilo que se manifesta para o comportamento de tal forma a trazer o resplandecer de sua forma visível a aparência. A idéia mais elevada é a origem, isto é, a fonte original [*Ursache*] de todas as “coisas” [*Sachen*] e de suas coisidades [*Sachheit*]. “O bem” garante o

aparecer da forma visível, na qual tudo o que é presente tem sua estabilidade no que é. Mediante esse garantir, o ente é mantido dentro do ser e, assim, é “salvo”

No que diz respeito a todas as formas de discernimento prudencial³² que informa a atividade prática, segue-se da essência da idéia mais elevada ὅτι δεῖ ταύτην ἰδεῖν τὸν μέλλοντα ἐμφρόνως πράξειν ἢ ἰδίᾳ ἢ δημοσίᾳ (517 c, 4/5), “que qualquer um que está preocupado com o discernimento prudencial, mesmo em assuntos pessoais ou em negócios públicos, tem que ter essa visão (a saber, a idéia que, a medida que ela é a possibilitadora da essência da idéia, é denominada o bem)” Quem quer que queira atuar em um mundo determinado por “as idéias” precisa, antes de qualquer coisa, de uma visão das idéias. E, assim, a própria essência da παιδεία consiste em fazer o ser humano livre e afirmá-lo para a clareza e constância do discernimento dentro da essência. Agora, uma vez que, de acordo com a própria interpretação de Platão, a “alegoria da caverna” é acreditada por oferecer uma imagem concreta da essência da παιδεία, [230] ela tem também que contar a ascensão para a visão da idéia mais elevada.

Porém, não seria o caso de a “alegoria da caverna” lidar especificamente com a ἀλήθεια? Não absolutamente. E, ainda mais, permanece o fato de que esta “alegoria” contém a “doutrina” de Platão sobre a verdade, visto que a “alegoria” é fundada no evento tácito por meio do qual a ἰδέα ganha dominância sobre a ἀλήθεια. A “alegoria” coloca em imagens o que Platão diz sobre ἰδέα τοῦ ἀγαθοῦ, a saber, que αὐτὴ κυρία ἀλήθειαν καὶ νοῦν παρασχομένη (517 c, 4), “ela mesma é soberana visto que ela confere desocultação (sobre o que se mostra) e, ao mesmo tempo, concede apreensão (do que é desoculto)” A ἀλήθεια vem sob o jugo da ἰδέα. Quando Platão diz que a ἰδέα é a soberana que permite a desocultação, ele conduz a algo não dito, isto é, que doravante a essência da verdade não é, como a essência da desocultação, o desdobrar-se da própria e essencial plenitude, mas, antes, o deslocar-se para essência da ἰδέα. A essência da verdade desiste de seu traço fundamental de desocultação.

Se nosso comportamento com os entes é sempre, e em todo lugar, um assunto do ἰδεῖν da ἰδέα, a visão da “forma visível” então todos nossos esforços devem ser concentrados, sobretudo, em fazer tal visão possível. E isto requer a visão correta. Já dentro da caverna, quando aqueles que foram libertos desviaram-se das sombras e dirigiram-se para as coisas, elas dirigiram seu olhar para aquilo que, em comparação com as meras sombras, “é mais entitativo”:³³ πρὸς μᾶλλον ὄντα τετραμμένους ὀρθότερον βλέπει (515 d, 3/4), “e, assim, voltaram-se para o que é mais entitativo, elas devem certamente ver mais corretamente” O movimento de passagem de um lugar para outro

³² Em inglês: “prudential”

³³ Em inglês: “in being”.

consiste no processo por meio do qual o olhar atento se torna mais correto. Tudo depende da ὀρθότης, da correção do olhar atento. Através desta correção, o ver ou conhecer se tornam algo correto, de modo que, no final, se dirige diretamente para a idéia mais elevada e se fixa neste “alinhamento direto” Em este se dirigir, a apreensão se conforma ao que é para ser visto: a “forma visível” do ente. O que resulta desta conformação da apreensão, como uma ἰδεῖν, para a ἰδέα é um ὁμοίωσις, um acordo do ato de conhecer com [231] a coisa mesma. Deste modo, a prioridade da ἰδέα e da ἰδεῖν sobre a ἀλήθεια resulta na transformação da essência da verdade. A verdade se torna ὀρθότης, a correção do apreender e do afirmar.

Com essa transformação da essência da verdade, ocorre ali, ao mesmo tempo, uma mudança do lugar da verdade. Como desocultação, a verdade ainda é um traço fundamental dos entes mesmos. Porém, como correção do “olhar”, ela se torna uma característica do comportamento humano com respeito aos entes.

Todavia, em um certo sentido, Platão tem que firmar-se na “verdade” ainda como uma característica dos entes, porque um ente, como algo presente, tem o ser precisamente no aparecer, e o ser traz a desocultação com ele. Mas, ao mesmo tempo, a indagação pelo desoculto se desloca na direção do aparecer da forma visível, e, conseqüentemente, na direção da correção do ver. Por esta razão, existe uma ambigüidade necessária na doutrina de Platão. Esta é, precisamente, a que atesta para a anteriormente tácita, mas agora expressa, mudança na essência da verdade. A ambigüidade é claramente manifestada no fato de que enquanto a ἀλήθεια é o que é nomeado e discutido, é a ὀρθότης que é significada e colocada como reguladora – e tudo isto numa única seqüência de pensamento.

A ambigüidade na determinação da essência da verdade pode ser vista numa única sentença tirada da seção que contém a própria interpretação de Platão da “alegoria da caverna” (517 b, 7 até c, 5). O pensamento condutor é que a idéia mais elevada une em conjunto o ato de conhecer e o que é conhecido. Porém, esta relação é entendida de dois modos. Em primeiro lugar, e, portanto, normativamente, Platão diz: ἡ τοῦ ἀγαθοῦ ἰδέα [a idéia do bem] é πάντων ὀρθῶν τε καὶ καλῶν αἰτία, “a fonte original (i. e., a possibilitadora da essência) de todo correto bem como de todo belo”. Mas então é dito que a idéia do bem é κυρία ἀλήθειαν καὶ νοῦν παρασχομένη, “a soberana que confere desocultação bem como apreensão” Essas duas afirmações não correm em paralelo, de modo que a ἀλήθεια correspondesse ao ὀρθά (o que é correto) [232] e a νοῦς (apreensão) correspondesse ao καλά (o que é belo). Antes, a correspondência trabalha em modelo cruzado. Correspondente ao ὀρθά, o que é correto e sua correção, existe a apreensão correta, e correspondente ao que é belo, existe o desoculto; a essência do belo encontra-se

em ser ἐκφάνεσταιον (cf. *Fedro*), aquilo que, mais do que tudo e mais puramente resplandecente de, e a partir de, si mesmo, mostra a forma visível e, deste modo, é desoculto. Ambas as sentenças falam da primazia da idéia do bem como possibilitadora da correção do conhecer e a desocultação do conhecido. Aqui a verdade ainda é, antes e ao mesmo tempo, desocultação e correção, embora a desocultação já esteja sob o jugo da ἰδέα. A mesma ambigüidade na determinação da essência da verdade prevalece também em Aristóteles. No capítulo final do Livro IX da *Metafísica* (*Met.*, Θ. 10, 1051 a 34 ss.) onde o pensamento aristotélico sobre o ser dos entes alcança o cume, a desocultação é o todo poderoso traço fundamental dos entes. Mas Aristóteles pode dizer também οὐ γὰρ ἔστι τὸ ψεῦδος καὶ τὸ ἀληθές ἐν τοῖς πράγμασιν ... ἀλλ' ἐν διανοίᾳ (*Met.*, E, 4, 1027 b, 25 ss.). “De fato, o falso e o verdadeiro não estão nas coisas (mesmas) ... mas no entendimento”

O julgamento intelectual e a afirmação são, agora, o lugar da verdade, da falsidade e da diferença entre elas. A afirmação é chamada verdadeira à medida que ela se conforma ao estado das coisas e, assim, é ὁμοίωσις. Esta determinação da essência da verdade não mais contém uma apelação a ἀλήθεια no sentido de desocultação; pelo contrário, ἀλήθεια, agora tomada como o oposto de ψεῦδος (i.e., do falso no sentido de incorreto), é pensada como correção. De agora em diante, esta caracterização da essência da verdade como correção de ambas, representação e afirmação, se torna reguladora para a totalidade do pensamento ocidental. Como evidência disto, é o suficiente citar as teses condutoras que tipificam como a essência da verdade é caracterizada nas épocas principais da metafísica. [233]

A tese de Thomas de Aquino emprega o bem para a escolástica medieval: *veritas proprie invenitur in intellectu humano vel divino* (*Quaestiones de veritate*, quaestio I, articulus 4, responsio): “A verdade é encontrada propriamente no intelecto, seja humano ou divino” O intelecto está aonde a verdade tem seu lugar essencial. Neste texto, a verdade não é mais ἀλήθεια, mas ὁμοίωσις (*adaequatio*).

No começo dos tempos modernos, Descartes estimulou a tese prévia afirmando: *veritatem proprie vel falsitatem non nisi in solo intellectu esse posse* (*Regulae ad directionem ingenii*, Regula VIII, Opuscula posthuma X, 396). “A verdade ou a falsidade, em sentido próprio, não pode estar em nenhuma outra parte senão apenas no intelecto”

E, na época em que a era moderna chega a sua realização, Nietzsche aguça ainda mais a tese anterior quando ele diz: “*A verdade é o tipo de erro* sem o qual um determinado tipo de seres vivos não pode viver. Em última análise, o valor para a *vida* é o que é decisivo” (Nota do ano 1885, *A vontade de Poder*, número 493). Se a verdade é, para Nietzsche, um tipo de erro, então sua essência consiste em um modo de pensar que sempre, embora necessariamente, falsifica o real, especificamente à medida que todo ato

de representar paralisa o contínuo “tomar-se” e, erigindo seus fatos estabelecidos contra o fluxo do “tornar-se”, estabelece como, supostamente, o algo real que não corresponde – isto é, algo incorreto e, deste modo, errôneo.

A determinação da verdade de Nietzsche como a incorreção do pensar está de acordo com a essência da verdade tradicional como a correção da afirmação (λόγος). O conceito da verdade de Nietzsche exhibe o último vislumbre da mais extrema consequência da mudança da verdade, da desocultação dos entes a correção do olhar atento. A mudança mesma foi realizada na determinação do ser dos entes (em grego: o ser presente do que é presente) como ἰδέα.

Como uma consequência desta interpretação dos entes, estar presente não é mais o que era no começo do pensamento ocidental: [234] a emergência do oculto em desocultação, onde a mesma desocultação, como esclarecedora, constitui o traço fundamental do estar presente. Platão concebe o estar presente (οὐσία) como ἰδέα. Entretanto, a ἰδέα não está subordinada à desocultação, no sentido de servir ao que está desoculto, ao trazê-la à aparição. Mais propriamente, o oposto é o caso: é o resplandecer (o se mostrar) que, dentro de sua essência e em um singular relacionar a si mesmo, pode logo ser chamado desocultação. A ἰδέα não é algum primeiro plano que a ἀλήθεια exhibe frente as coisas presentes;³⁴ antes, a ἰδέα é o fundamento que faz a ἀλήθεια possível. Mas, mesmo como tal, a ἰδέα ainda reivindica algo da original, mas não reconhecida, essência da ἀλήθεια.

A verdade, como desocultação, não é mais o traço fundamental do ser mesmo. Em vez disso, como uma consequência do estar sob o jugo da idéia, a verdade se torna correção, e, doravante, será a característica do conhecimento dos entes.

Desde então, tem existido um esforço pela “verdade”, no sentido de correção do olhar e da correção de sua direção. Desde então, o que interessa, em todas as nossas orientações fundamentais em direção ao ente, é a obtenção de uma correta visão das idéias. A reflexão sobre a παιδεία e a mudança na essência da ἀλήθεια se pertencem e pertencem a mesma narrativa da passagem de uma morada para outra, a narrativa que é contada na “alegoria da caverna”

A diferença entre as duas moradas, uma dentro e outra fora da caverna, é uma diferença de σοφία. Em geral esta palavra significa ser perspicaz em algo, ser hábil em algo. Falando propriamente, σοφία significa ser perspicaz sobre aquilo que é presente como desoculto e que, como presente, perdura.³⁵ Perspicácia não é equivalente a

³⁴ Mais literalmente: “... não é o primeiro plano presente da ἀλήθεια ” [“Die ἰδέα ist nicht ein darstellender Vordergrund der ἀλήθεια ...”]. [Nota do tradutor].

³⁵ Nota de Heidegger na edição *Geistige Überlieferung*, 1942: “Cf. Heráclito, fragmento 112.”

meramente possuir o conhecimento. Ela significa pertencer a uma morada que, em todo lugar e fundamentalmente, tem um apoio no que perdura. [235]

O tipo de perspicácia que é reguladora ali abaixo na caverna – ἡ ἐκεῖ σοφία (516 c, 5) – é sobrepujada por outra σοφία. Esta, mais tarde, esforça-se unicamente, e sobre tudo, a perceber por um instante o ser dos entes nas “idéias” Esta σοφία, em contraste com aquela na caverna, é distinta pelo desejo de alcançar mais além do que é imediatamente presente e adquirir um fundamento naquilo que, ao se mostrar, perdura. Esta σοφία é em si uma predileção e amizade (φιλία) com as “idéias” que conferem o desoculto. Fora da caverna σοφία é φιλοσοφία. A língua grega já conhecia esta palavra antes da época de Platão e usou-a em geral para nomear a predileção pela perspicácia correta. Platão apropriou primeiro a palavra como um nome para uma perspicácia específica sobre os entes que, ao mesmo tempo, define o ser dos entes como idéia. Desde Platão pensar sobre o ser dos entes se tornou “filosofia” porque ela é uma questão de olhar acima para as “idéias” Mas a “filosofia” que começa com Platão tem, deste momento em diante, a característica distintiva do que mais tarde será denominada “metafísica” Platão mesmo, concretamente, ilustra o contorno básico da metafísica na estória contada na “alegoria da caverna” De fato, a cunhagem da palavra “metafísica” já está prefigurada na apresentação de Platão. Na passagem (516) que descreve a adaptação do olhar para as idéias. Platão diz (516 c, 3): O pensar vai μετ’ ἐκείναι, “mais além” daquelas coisas que são experimentadas meramente na forma de simples sombras e imagens, e vai εἰς ταῦτα, “em direção para fora” dessas coisas, a saber, as “idéias” Estas são o suprasensível, visto com um olhar não sensível; elas são o ser dos entes, que não podem ser apreendidas com nossos órgãos corpóreos. E o mais elevado no território do suprasensível é aquela idéia que, como idéia de todas as idéias, permanece a causa da existência e aparição de todos os entes. Porque esta “idéia” é, desse modo, a causa de tudo, logo, ela é também “a idéia” que é chamada “o bem” Esta mais elevada e primeira causa é chamada por Platão, e correspondentemente por Aristóteles, τὸ θεῖον, o divino. Desde então, o ser foi interpretado como ἰδέα, o pensar sobre o ser dos entes [236] tornou-se metafísico, e a metafísica tornou-se teológica. Neste caso, teologia significa a interpretação da “causa” dos entes como Deus e a transferência do ser a essa causa, que contém o ser em si e dispensa o ser para fora de si, porque ela é o mais entitativo³⁶ dos entes.

Esta mesma interpretação do ser como ἰδέα, que deve sua primazia a uma mudança na essência da ἀλήθεια, requer que ao ver as idéias seja conferida alta distinção. Correspondendo a esta distinção está a παιδεία, a “instrução” dos seres humanos.

³⁶ Em inglês: “being-est”; em alemão “Seyndste”

Ocupando-se com os seres humanos e com a posição dos humanos entre os entes, esta domina totalmente a metafísica.

O começo da metafísica no pensamento de Platão é, ao mesmo tempo, o começo do “humanismo”. Aqui a palavra tem que ser pensada em sua essência e, portanto, em seu sentido mais amplo. Nesta consideração, “humanismo” significa o processo que é envolvido no começo, no desdobrar-se e no fim da metafísica, por meio do qual os seres humanos, em variados aspectos, mas sempre deliberadamente, se movem para um lugar central entre os entes, obviamente, desse modo, sem ser o ente mais elevado. Aqui “ser humano” algumas vezes significa humanidade ou gênero humano, algumas vezes o indivíduo ou a comunidade e algumas vezes o povo [*das Volk*] ou o grupo de pessoas. O que está sempre em jogo é isto: tomar os “seres humanos” que dentro da esfera de um sistema fundamental metafisicamente estabelecido de entes, são definidos como *animal rationale*, e os conduzir, dentro desta esfera, para a liberação de suas possibilidades, para a certeza dos seus destinos e para a proteção de suas vidas. Isto acontece como conformação de seus comportamentos “morais” como a salvação de suas almas imortais, como o desdobramento dos seus poderes criativos, como o desenvolvimento das suas razões, como a nutrição de suas personalidades, como o despertar de seus sentidos cívicos, como o desenvolvimento de seus corpos, ou como uma combinação apropriada de alguns ou de todos estes “humanismos”. O que ocorre em cada instância é uma rotação metafisicamente determinada ao redor do ser humano, quer em órbita estreita quer em ampla. Com a realização da metafísica, o “humanismo” (ou [237] em termos “gregos”: a antropologia) também avança para as mais extremas – e igualmente incondicionadas – “posições”

O pensamento de Platão segue a mudança na essência da verdade, mudança que se torna história da metafísica, a qual no pensamento de Nietzsche entra em realização incondicionada. Desta forma, a doutrina de Platão sobre a verdade não é algo que é passado. Ela é historicamente “presente” não apenas no sentido de que suas doutrinas têm um “efeito posterior” que os historiadores podem calcular, nem como um ressurgir ou uma imitação da antiguidade, nem mesmo como a mera preservação do que foi legado. Mais propriamente, esta mudança na essência da verdade está presente como a toda poderosa realidade fundamental – estabelecida por longo tempo e, conseqüentemente, ainda adequada – da, sempre em avanço, história mundial do planeta neste mais moderno dos tempos modernos.

Tudo o que acontece com os seres humanos históricos advém, em cada caso, de uma decisão sobre a essência da verdade que aconteceu há muito tempo e nunca de acordo com os humanos exclusivamente. Através desta decisão, as linhas estão sempre já

desenhadas considerando o que, na luz da essência da verdade instituída, é procurado e estabelecido como verdade e, igualmente, o que é desprezado e ignorado como não verdadeiro.

A estória contada na “alegoria da caverna” oferece um olhar rápido do que está realmente acontecendo na história da humanidade ocidental, igualmente agora e no futuro: Tomando a essência da verdade como a correção da representação, pensa-se todos os entes de acordo com as “idéias” e avalia-se toda realidade de acordo com os “valores”. Aquilo que sozinho, e em primeiro lugar, é decisivo não é quais idéias e quais valores são postos, mas antes, o fato de que o real é interpretado sob qualquer condição de acordo com as “idéias” e que o “mundo” é pesado sob qualquer condição de acordo com os “valores”.

Entretanto, nós temos lembrado a essência da verdade original. A desocultação³⁷ se revela para esta lembrança como o traço fundamental dos entes mesmos.³⁸ Apesar disso, a lembrança da [238] essência original da verdade tem que pensar esta essência mais originalmente. Portanto, tal lembrança nunca poderá tomar a desocultação meramente no sentido de Platão, isto é, como sob o jugo da ἰδέα. Como Platão a concebe, a desocultação permanece subordinada a uma relação com o olhar, o apreender, o pensar e o afirmar. Obedecer esta relação significa abandonar a essência da desocultação. Nenhuma tentativa de fundamentar a essência da desocultação na “razão” no “espírito”, no “pensar” no “logos” ou em qualquer tipo de “subjetividade”, pode alguma vez salvar a essência da desocultação. Em todas essas tentativas, o que tem que ser fundamentado – a essência da desocultação mesma – ainda não é adequadamente procurado. O que sempre fica “aclorado” é somente alguma conseqüência essencial da essência não compreendida da desocultação.

Primeiramente é requerido uma apreciação do “positivo” na essência “privativa” da ἀλήθεια. O positivo tem que ser primeiro experimentado como o traço fundamental do ser mesmo. Antes de mais nada, o que tem que irromper sobre nós é a exigência por meio da qual nós somos compelidos a questionar não apenas os entes no seu ser, mas o ser mesmo (que é a diferença). Porque esta exigência encontra-se diante de nós, a essência original da verdade repousa em sua origem oculta.

São Paulo, dezembro de 2005.

³⁷ Primeira edição, 1947: “A ἀλήθεια é um nome para *esse*, não para *veritas*”. [“Die ἀλήθεια ist ein Name für *esse*, nicht für *veritas*”].

³⁸ Primeira edição, 1947: “que é, como ser” [d.h. als das *Sein*].

* A autora agradece a colaboração do Dr. Pedro Proscurin Junior.